

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

## PREÇO DA ASSIGNATURA

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.  
FORA D'AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.

## Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

## PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.  
No corpo do jornal: cada linha 60 rs.  
Numero avulso 30 rs.  
Redacção e administração — rua Direita.

## AVEIRO

### A UNIÃO

O grande momento da lucta aproxima-se. A monarchia esphacela-se e cahe de pôdre, ao passo que o partido republicano se consolida e ganha terreno. As idéas democraticas estendem-se com uma rapidez extraordinaria por todo o paiz. Não é só em Lisboa que ellas campêam com força e vigor, é por toda a parte. Quem ha trez annos ainda, fallasse em republica aos habitantes das pequenas cidades seria repellido com indignação e até com uma especie de horror; hoje, pelo contrario, não só não succede isso, mas fundam-se clubs e criam-se jornaes nos mais pequenos centros de população, em condições de vida prospera, e as classes mais humildes desenvolvem, com sacrificio muitas vezes dos proprios interesses individuaes, uma actividade revolucionaria que espanta.

O homem do campo, da propria aldêa, lê o seu jornal com enthusiasmo e nota-se-lhe uma certa indignação contra isso, que para ahí está de pé.

Isto é agradável, é satisfactorio, para nós os republicanos, os homens do futuro, porque nos indica evidentemente que somos acompanhados pela grande maioria do paiz nas nossas aspirações, mas por isso mesmo são maiores as nossas responsabilidades.

Não nos enganemos, que o engano só a nós é prejudicial. A nação será d'aqui a pouco completamente republicana, e já hoje nos podemos considerar em vespêras d'uma grande transformação social. Trabalhemos, pois, e muito. Unamo-nos, cerremos fileiras, que com o estrebuchar agonizante dos nossos adversarios podemos soffrer algum abalo violento. Olhem que elles estão pôdres, mas ainda morrem. É necessario estarmos preparados para tudo, e portanto cada vez se torna mais instante a or-

ganisação definitiva do partido republicano e por toda a parte se está pedindo essa organisação. Continuemos com a propaganda, que ainda temos muita a fazer, mas não nos esqueçamos de que o paiz nos contempla e de que é preciso impôrmo-nos a este como um partido robusto.

Demais, os acontecimentos todos os dias nos estão a avisar.

Ainda ha poucos dias a condemnação a 10 dias de prisão, que soffreram os nossos correligionarios do club Fernandes Thomaz, nos acabaram de provar que os clericas, que outra cousa não são esses monarchicos devassos, estão resolvidos a resistir ao movimento republicano. Essa resistencia ha de lhes ser peor, é certo, ha de fazer com que elles sejam esmagados por essa grande *avalanche* prestes a desabar, mas entretanto vão fazendo o que querem, não ha pouca vergonha que não commettam, esquecem todos os principios de honra para se entregarem a todas as torpezas, calcam aos pés todas as nossas regalias e liberdades e nós perante todas essas infamias limitamo-nos a aponta-las ao povo e a gritar contra ellas.

Convençam-se os homens importantes do partido, a quem especialmente nos dirigimos, que a opinião publica quer mais.

Reclama uma energia tenaz, uma resistencia severa, que só pode ter lugar achando-se todos os republicanos unidos e preparados para o combate.

Alem d'isso ninguem se pode queixar no partido republicano de falta de boa vontade da parte dos seus membros, nem mesmo da falta d'uma certa união, que felizmente sempre existiu mais ou menos. Mas é impreterivel que os laços d'uma disciplina rigorosa apertem mais essa união, e que estejamos preparados para o que der e vier.

Se não fizermos isso, é muito natural e muito provavel que os acontecimentos escandalhem essa velha *caranquejola* chamada monarchia antes do tempo, isto é, mais cedo do que pretendemos e n'esse

pela qual possa fazer sem peccado a acção de que se trata.

Em cujos termos, ainda que o referido doutor consultado tenha a opinião alheia por evidentemente falsa e a sua por verdadeira, pôde dar a diversas pessoas conselhos contraditorios, conforme a uma ou a outra d'estas duas opiniões provaveis. Sómente é necessario que faça isto com prudencia, principalmente se responder por escripto para evitar o desprezo de ser apanhado em contradicção comsigo mesmo.

«O confessor pôde em consciencia absolver o penitente contra a sua propria opinão, ainda que a tenha por verdadeira; e pôde conformar-se com a do penitente ainda que a tenha por menos provavel, menos segura e até falsa, com tanto que seja provavel. Não sómente pôde, mas o deve assim fazer debaixo de pena de peccado mortal, e o penitente o pôde a isso obrigar. Quando se tratar do prejuizo d'um terceiro e de o não obrigar a restitução; quando se trata d'uma acção que o confessor

caso cahiremos n'uma anarchia perfeita.

Pela nossa parte estaremos sempre promptos a annuir ás resoluções energicas e decididas que se tomarem, e entendemos que é tempo de se acabar com as indecisões e indolencias.

Relevem-nos os homens que andam nas espheras superiores da nossa politica estas observações que esperamos attenderão, porque ellas não representam mais que a vontade de todo o partido. Não somos nós os primeiros a fazer-lh'as, mas estimaremos muito que sejamos os ultimos.

ANTONIO DE CASTRO.

## AO DISTRICTO DE AVEIRO

Um jornal monarchico, que se publica n'esta cidade e que é orgão do partido regenerador e amigo portanto das auctoridades locais, vem no seu numero de segunda-feira muito irritado comnosco por termos censurado como o entendemos o procedimento irregularissimo do sr. administrador do concelho.

Já esperavamos as irritações do collega e por isso não nos surpreenderam, nem nos incommodaram. O que, porem, não esperavamos é que o collega, que quer ser tido por digno e cortez, que nos censura o que *chama* desbragamento de linguagem, atirasse a quem sempre foi amavel comsigo um insulto soez, que repellimos indignados.

Esse jornal, que perdeu de hoje em deante todas as nossas considerações, colloca-nos a par dos batoteiros e tem a desfaçatez, elle, o sabio que não gosta do palavão nem da banalidade, de declarar que o *Povo de Aveiro* tem certas *afinidades com a casa do jogo*. Em vista d'esta calumnia porca tinhamos dois procedimentos a seguir: ou tratar o autor do artigo como elle o merece, ou não lhe respondermos. Não faremos nem uma cousa, nem outra.

teria por peccaminosa, o mesmo confessor sem distinguir se é ordinario ou delegado, deve absolver porque basta que o penitente tenha por si uma opinião provavel. O confessor não está obrigado a advertir o penitente que se acha no erro; antes, pelo contrario, faria em muitos casos mal se o advertisse. Na verdade, o confessor não deve obrigar o penitente a restituir pela opinião d'outrem e contra a sua propria opinião. Isto seria injusto. Mas pôde, seguindo a opinião d'um terceiro, e contra a sua propria opinião, dispensal-o de restituir. E se o não fizer peccará contra a justiça.»

E assim continuam os graves doutores da ordem no desenvolvimento da sua creação de Probabilismo, não se pejando da audacia de lhe attribuir origem apostolica, nem da opinião de que para se passar por cima de todos os dogmas, dos preceitos do decalogo, e das constituições, regra e disciplina da Igreja bastava a méra e tantas vezes falla probabilidade.

De modo que a piedade, a ca-

Primeiro, porque queremos provar ao articulista que nós, que poderemos ser arrebatados e até mesmo violentos n'um dado momento, mas que nos prezamos de ter uma vida honradissima e de trabalhar para um fim justo, tambem podemos ser moderados, mesmo com aquellos, que o não são comnosco.

Segundo, porque precisamos fazer bem notadas as asneiras e as contradicções do collega.

Começa esse jornal por dizer, na parte que diz respeito aos acontecimentos de domingo e a que nós especialmente nos referiremos, que fora sua primeira ideia retirar um artigo em que, tratando do conflicto havido entre um redactor d'este jornal e um batoteiro, pede a suppressão da casa de jogo. Era muito melhor que o tivesse feito.

Ha bastante tempo, ha mezes, que nós aqui pedimos ás auctoridades que fizessem terminar a jogatina. Pedimos-lh'o mais do que uma vez em termos muito moderados e muito brandos, sem que ellas nos dêssem uma satisfação. Pois o *Districto d'Aveiro*, que agora está feito patriarcha a ralhar comnosco e a censurar os excessos da imprensa sem se lembrar de que ainda outro dia chamou ladrão a um funcionario publico, lá porque elle não deu umas gratificações, ou cousa que o valha, a um membro da familia, ouviu os nossos pedidos, leu as nossas reclamações, teve conhecimento da batota e calou-se, metteu-se em copas. Se não queria esses excessos, a que fomos levados pelo nenhum caso que as auctoridades faziam de nós, se queria mesmo evitar o conflicto que hoje lastima, comprisse o seu dever de jornalista acompanhando-nos nas reclamações energicas e honradas que fizemos, logo desde o principio. Agora é tarde e era muito melhor ter-se calado.

Convença-se o *Districto* e convençam-se todos do que lhe vamos dizer.

Se não fosse a consideração que as camadas superiores d'esta terra dão a uns homens, que poderão

ridade, o amor do proximo eram assim ensinados e praticados pelos homens da seita que se acobertava com tão augusta denominação contra a doutrina do mesmo Jesus Christo, segundo os apóstolos.

«Em vosso coração vereis intimamente gravado e claramente escripto o meu primeiro e maior preceito como base, raiz e compendio das minhas leis, pelo qual me deveis amar com toda a vossa alma e com todo o vosso entendimento. Em vosso coração vereis escripto o meu segundo preceito, semelhante ao primeiro, pelo qual deveis amar aos vossos proximos, assim como vos amais a vós mesmos. Em vosso coração vereis impresso o meu terceiro mandamento pelo qual deveis fazer aos vossos proximos o que rectamente quereis que elles tambem vos façam. Em vosso coração vereis escripto o meu quarto mandamento pelo qual não vereis fazer aos vossos proximos o que rectamente não quereis que elles façam a vós mesmos. Em vosso coração finalmente vereis gravada a minha lei ou preceito pela qual deveis sómente amar e cum-

sêr, como o collega diz, muito cavalheiros na sua vida particular, mas que não são tidos como taes em parte nenhuma, porque exercem uma profissão que as leis teem por criminosa e como tal desprezível, se não fosse a benevolencia que elles encontraram nos jornaes, que, sendo inspirados como o *Districto* por altos triumphos politicos, representam o *poder e o favor*, não teriam elles tido a ousadia de se pretenderem desaffrontar na praça publica atirando-se a um individuo que não os insultou, porque os qualificou exactamente como os qualifica a lei.

Esse é que tem sido sempre o grande crime d'esta terra.

Se vier para aqui um homem honrado que precise d'auxilio para exercer uma profissão, pode-se dirigir aos *grandalhões* da terra implorando-lh'o, que, se não for pantomineiro, morrerá de fome.

Mas que venha um saltimbanco, um desavergonhado, um toureiro, um foragido criminoso, com habilidade para correr touros, para andar a cavallo, para prestidigitador, como muitos ahí aparecem a alguns annos a esta parte, que todos o receberão de braços abertos e esse patife terá uma protecção ampla e sem limites.

Que importa que o *Povo de Aveiro* os fustigue? Nós cá não temos importancia. Somos tidos, por essa gente com quem não queremos contacto, por os representantes das classes baixas, dos operarios, da relê.

Ora ahí, *queridissimo* collega, é que está a differença entre velhos e novos. Os velhos, nem todos, valha a verdade, toleram os escandalos, as illegalidades, as poucas vergonhas e recebem bem os que as praticam, como *bons politicos que são*, como *excellentes rapozas matreiras*; os novos, os *estouvados*, os *inexperientes*, revoltam-se na sua indignação contra o que não é bom, o que não é nobre, o que não é justo.

Mas o collega antes quer a gangrena dos velhos, que o desbragamento dos novos. Pois nós antes queremos o contrario. O

prir estas verdades, em que consiste a vossa paz verdadeira.»

Era, pois, a cubija desordenada, a soberba e o amor proprio desenfreado que dominavam os sentimentos naturaes e apeteceveis no homem e no christão, e mormente no ministro da religião toda de paz, de amor, de desinteresse e de abnegação.

Para as defender, fundamentar e legalisar appareceu logo o consocio Luiz de Molina com o seu *Livre Arbitrio*, seguido por Arriaga que se atreve a afirmar que *em certos casos o odio formal de Deus pode ser mentorio de vida eterna*, e portantos outros, todos empenhados em arruinar a theologia, depois de ter deturpado a philosophia, tudo em proveito proprio.

Em muito pouco tinham as palavras de S. João: procura e a verdade e ella vos salvará. A sua salvação entendiam elles encontra-la no cahos e na dissolução de todos os principios até ahí reputados solidos.

(Continua.)

EDUARDO ARVINS

## FOLHETIM

### EDUCAÇÃO POPULAR

#### JESUITAS E REIS

«Um professor, ainda em materia de fé e de costumes, não é obrigado a ensinar os dictames que lhe parecem mais provaveis. Isto seria um jugo muito pesado e muito insupportavel.»

«Um doutor, sendo consultado, pôde contra o seu proprio parecer, posto que o tenha por mais provavel e por mais seguro, formar uma decisão de consciencia recta e justa para responder e obrar conforme a opinião d'outro doutor. Pôde licitamente escolher para a sua decisão a opinião que achar mais favoravel, e mais agradável a quem o consulta; e isto ainda que tenha essa opinião por certamente falsa na especulação; porque aquelle que o consulta muito menos lhe pergunta o que elle entende, do que procura uma opinião

desbragamento será um defeito, concordamos, mas tem um remédio fácil; agora a gangrena, quando contamina a alma, quando matou os sentimentos nobres, é mal para que não ha cura possível. Sofrerá o collega d'esse mal?

Se soffre, lamentamol-o profundamente, apesar da nenhuma sympathia que lhe votamos.

Continua o Districto por dizer que o acervo de palavras irritantes etc. do Povo de Aveiro prova apenas que até para cada um sustentar a razão, que lhe sobra, precisa ter senso commum e grammatica. Então nós não temos senso commum por termos empregado palavras irritantes e estolidas, hein, collega? Pois então olhe que o collega ainda tem menos senso commum do que nós, porque tem havido occasiões, em que tem empregado palavras ainda mais descabidas, mais irritantes e mais estolidas do que as nossas. Se quizer nós provamos-lho bem, transcrevendo-lhe alguma cousinha dos seus moderadissimos escriptos de outr'ora e narrar-lhe-hemos umas certas questões a que elles deram lugar. É bom não sermos obrigados a isso, porque nunca tivemos prazer algum em revolver roupa suja dos outros. Calemonos, calemonos que é melhor.

Quanto á grammatica metta-a no bolço, que lhe pode servir para alguma cousa. Nós dispensamol-a. O Districto a fallar-nos em grammatica!

Ora esta, se fosse outro, mas elle!... É da gente morrer com riso.

Lá diz o dictado:—chama-lho antes que lo chamem...

Diz mais o referido jornal que não tinhamos a consciencia do que diziamos ao chamarmos ao sr. Ruy Couceiro moderno conde de Bastos. Ora para a outra vez, faça o favor de ler melhor o que escrevemos, para não dizer tolice. O que nós chamámos ao sr. Ruy Couceiro, foi conde de Bastos em ponto pequeno. E o que será um conde de Bastos microscopico? Não o diremos agora, porque desde o momento em que aquelle cavalheiro deixou de ser administrador do concelho, não temos mais nada com elle. E adeante.

Falla depois na ameaça do partido. Aqui não houve ameaça nenhuma de partido, saiba-o bem o articulista. O que nós dissémos e repetimos é que muitos republicanos tomavam a responsabilidade do que escrevia o Povo de Aveiro, e esses muitos republicanos são aquelles que fazem parte da redacção d'este jornal. O que nos parece incrível e extraordinario, é que um jornal ache bom que uma cidade em peso considere como redactor do Povo de Aveiro um só individuo. Isso não pode ser. Ha por ahí um certo numero de sujeitos, que tem prazer em lançar tudo á conta d'esse individuo, naturalmente porque lhes convem. Pois se não sabem as praxes jornalisticas, saibam-nas. Quando um sujeito qualquer se julga affrontado e quer que lhe deem uma satisfação vae á redacção do jornal, isto em toda a parte do mundo, e pergunta ahí quem toma a responsabilidade do artigo. No Povo de Aveiro ninguem se nega a tomar a responsabilidade moral do que escreveu e creia o collega que não ha cá quem receie muito pelas costellas, e demais se quizerem experimentar, que talvez não gostem da resposta.

Isto não é fanfarronada da nossa parte, porque nunca fomos caceteiros, mas não podemos deixar de repellir certas insidias pequeninas de que o Districto se faz echo.

Pergunta-nos o Districto pela tal desordem que reinava na cidade e pelos caceteiros, que ninguem viu. É celebre. Uma auctoridade

pega r uma bengala ou n'um pau, que o effeito é o mesmo, corre com elle a cidade atraz d'um ou de mais individuos, e depois pergunta-se pela desordem. Mas que maior desordem quer o jornal, que nos agrediu, do que essa? Nunca se viu uma cousa assim em parte nenhuma. Um administrador do concelho, o chefe da policia aqui, uma auctoridade mantenedora da paz e da ordem, provoca o barulho, esquece-se da sua posição, corre a cidade para espantar os cidadãos e depois diz-se que não houve desordem e que não houve ataque ás nossas regalias e direitos de cidadãos. E não se venha para cá com a cantiga de que o sr. administrador já não era auctoridade. Era-o e ainda hoje o é. Sua senhoria está simplesmente suspenso, demittido só o estará depois da sua demissão ter apparecido no Diario do Governo. E demais a mais, á hora em que elle correu a cidade, ninguem tinha conhecimento d'essa demissão e nem ella ainda tinha sido notificada ao sr. ministro do reino.

Quanto aos caceteiros vimo-los nós debaixo dos balcões. Elles não eram muito para temer, isso é verdade, mas foram elles que ainda assim provocaram o pequeno conflicto, que lá se deu, tomando o partido do sr. administrador. Os republicanos em toda a parte se esforçaram por socegar os animos e o sr. governador civil bem o sabe. Se não fossem elles o barulho teria tomado serias proporções.

É falso, falsissimo, que nós tivéssemos fallado em os nossos amigos sahirem á rua a tirar qualquer desforra. Apenas dissemos que se as auctoridades não cumprissem o seu dever, se quizessem a desordem trazer a desordem, porque nós não podemos pagar pelas tolices dos outros, nem estamos aqui feitos policias para andarmos sempre na rua a apasiguar desordens.

Quanto á má direcção que o Districto nota no nosso jornal, não se incomode com isso. Deixe lá, que nós dispensamos as suas lições. O erro que temos commettido é sermos benevolos com o collega, mas ainda estamos a tempo de emendar a mão. Conte com isso. Diremos para terminar, que só fallamos aqui do sr. Ruy Couceiro da Costa, por incidente. Esse cavalheiro, como já dissemos, pediu a sua demissão e por isso nada mais temos com elle. Não ha mesmo duvida alguma de nossa parte em lhe reconhecermos, como homem, um nobilissimo caracter e uma vida impolluta. Não serve porém para administrador, tenha paciencia.

**QUESTÕES DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR**

I  
A lei de 2 de maio de 1878, que reformou a instrucção primaria, diz no artigo 72.º que a obrigação do ensino começa desde o dia em que na parochia, ou parochias reunidas, se estabeleça escola primaria para cada sexo, ou escola mixta. Mas, embora a lei o não diga, ha casos em que a obrigação do ensino é perfeitamente inexequivel. Com effeito, supponhamos que n'uma dada freguezia com escolas para os dois sexos ha uma população escolar de 400 individuos, e que as duas escolas comportam apenas 100 alumnos cada uma. N'este caso, ou não se ha-de dar execução ás disposições sobre o ensino obrigatorio, ou essa execução ha-de circumscrever-se nos limites do numero de logares de cada uma das aulas. A lei é omisa a tal respeito, o que dá origem a bastantes difficuldades, que carecem de prompta solução, por parte dos poderes publicos.

Figuremos uma hypothese. No

dia marcado para a matricula apresentam-se ao professor creanças em numero inferior ao numero dos logares da aula. Feita a matricula, o delegado parochial ha-de, na conformidade das leis e regulamentos, intimar os paes que não levaram seus filhos á matricula escolar. Mas a estas intimações está muito naturalmente posto um limite pela capacidade da aula, na fórma das instrucções de 7 de julho de 1871. Um exemplo tornará mais claro o que pretendo significar. A aula comporta 100 alumnos, mas á matricula appareceram apenas 60. N'este caso, o delegado parochial ha-de fazer que, pelos meios legaes, sejam preenchidos os 40 logares vagos na aula.

Mas que regra ha-de seguir para proceder ás intimações, se a lei, bem como o regulamento respectivo, são omissoes acerca d'esta especie, ficando consequentemente ao arbitrio do delegado parochial o intimar quem muito bem lhe aprouver? Esta deploravel omissão não pôde certamente attribuir-se ao proposito do legislador dotar com mais esta mola o machinismo já muito complicado de pressão eleitoral e intrigas politicas, e por isso convem destrui-la effizicamente, para que não se levante por ahí mais algum instrumento de vinganças e mesquinhas perseguições. Tudo isto patenteia que o delegado parochial carece de regras ou instrucções bem definidas, pelas quaes se ha-de regular, a fim de que os seus actos não sejam, e nem sequer pareçam, filhos de intuitos pouco dignos, ou inspirados de favoritismo ou odio.

Em vista de quanto fica exposto, perguntam-nos: nas intimações aos paes, o delegado parochial deve regular-se pela ordem das distancias, começando pelos que residem nos locais mais visinhos da escola, ou pelos que têm residencia mais afastada d'ella? Deve seguir antes a ordem das idades, principiando por intimar os paes das creanças mais novas, ou pelos das mais velhas? Ou convirá fazer um sorteio bem rigoroso (com exclusão dos alumnos inscritos nas escolas particulares), e intimar depois os paes dos alumnos que a sorte houver designado?

A lei e os regulamentos respectivos não dizem nada a tal respeito, e por isso é summamente urgente alguma providencia official que acabe com o arbitrio, e imponha aos delegados parochiaes a observancia de regras bem claras e precisas.

**II**

Supponhamos que no dia da matricula se apresentam á hora designada mais creanças do que comportamos logares da aula.

N'este caso as difficuldades tambem não são de somenos valia, nem é aqui menos urgente a necessidade de instrucções officiaes, como vou ponderar. Se a aula comporta sómente 100 alumnos, e á hora marcada para a inscripção na matricula appareceram 150 creanças, é evidente que forçosamente ha-de ser excluidas 50. Mas esta forçada e inevitavel exclusão significa, pelo menos, um pesado onus para os paes, porque em tal caso, se quizerem instrucção para os filhos, ha-de ir procurá-la ás escolas particulares, que em regra são retribuidas. N'estas circumstancias parece razoavel e justo que a inscripção na matricula não fique ao arbitrio do professor primario, que pôde por vinganças, ou por maior ou menor acceitação de pessoas, determinar-se na preferéncia de umas ou outras creanças para matriculá-las.

Do exposto se infere tambem a necessidade do professor obedecer a determinadas regras que não deixem logar ao arbitrio. Há, pois, motivo para perguntarmos se o mes-

tre deve seguir a ordem da inscripção no recenseamento das creanças, ou se ha-de proceder por sorteio? O que importa é que a auctoridade competente providencie n'este assumpto, de fórma que fiquem bem explicitos, os deveres do professor quanto á matricula dos alumnos, e as regras segundo as quaes o delegado parochial ha-de proceder na fiscalisação d'este acto.

F. A. C.

**COISAS DO PROFESSOR PRIMARIO**

Dava-se um encontro entre um rapaz que costumado a trabalhar muito para o que teve sempre boa disposiçao, nunca em sua vida experimentou os effeitos d'esse cancero de finhação a que chamam fome, com outro que lhe excedia em idade uns 3 ou 4 annos. Eram amigos e havia alguns annos que se não viam.

O primeiro, dotado de um d'esses genios bastantemente animados, satisfeito pelo encontro inesperado de um amigo com quem outr'ora tinha passado horas livres d'alegria, dirige-se ao segundo, dá-lhe um abraço entusiastico e com ar galhofeiro que lhe era peculiar interroga-o nos termos seguintes:—Como estás tu homem?—O que é feito de ti?... E fica-se com o riso nos labios, os olhos fitos e o coração pulando por ouvir do amigo a boa nova do seu bem estar.

Mas essa expansão de jubilo que o assalto metamorphoseo se com a rapidez do raio em densa nuvem, envolvero urgente que o absorvea. A esse amigo que o tinha habituado a ser alegre, via agora brotarem-lhe as lagrimas, humedecendo-lhe o rosto maelitico e descarnado. Subito afogueiam-se-lhe as faces, o calor secca as lagrimas e de envergonhado reanima-se e diz com ar serio e feio:

—Para que me interrogas... sabes quem eu sou?... O primeiro amigo recua um passo e diz:

—Homem, tu aterra-me com essa apresentação mysteriosa!... dize-me o que tens que tanto te apoquentas? Acasá terás sido tão infeliz?...

—Eu... sou o mestre escola cá d'aldeia...—Adivinhei: O teu mal é fome?... E o pobre professor com os olhos fitos no chão escreve na aréa que lhe servia de papel, com o roto chapéu de sol, um F. maiúsculo.

—Tens familia?—Tenho uns infelizes que eu fiz...—Que tu fizeste infelizes ou como se entende isso?... São teus filhos?—São. E' por isso mesmo são infelizes.—Não tens mais nada com que faças face ás despezas da casa?—Não tenho mais nada...

—Como diabo te dedicaste tu a esta pioheira?... Tu que dispões de recursos para seres digno de melhor sorte?—Pois sim; mas era preciso que eu fosse um dos martyres da Patria.

—Homem! vai para o diabo mais a patria que deixa morrer de fome os melhores dos seus obreiros para sustentar á farta malandros que só se divertem, criam pança e se alguma coisa fazem é o mal que vos define... Mas eu, chegando ha pouco do estrangeiro ainda não me lembrei de saber quanto o governo vos paga d'ordenado; e tu tambem m'o não disseste?

—São as camaras que pagam aos professores.—Pois não era o governo?—Era; mais por lei de 78 por essa coisa a que chamam reforma d'instrucção primaria, o governo impoz ás camaras que pagassem aos professores.—E quanto ganham?

—Os considerados vitalícios recebem nas povoações ruraes 119:760 réis e os temporarios 108:740 réis por anno.

—Que diabo de miseria! Isso não chega para os cigarros?...—Entre tanto que eu, minha mulher e dois filhos que tenho ainda creanças, havemos de comer, vestir e pagar renda de casa, sómente com isso a que tu chamas miseria.—Ora dize-me sem mais preambulos: Dividindo por 365 dias qualquer d'essas quantias a como sairá por dia? Ganhamos por dia 323,1 réis sendo vitalicio.—Por curiosidade, distribue essa quantia pelos misteres indispensaveis de tua casa.—Não consta nada: Trazes carteira? Assenta lá: Somos 4 pessoas.

**ALMOÇO**

Café	20 réis
Pão (20 réis para cada um)	80 "
Assucar	15 "
	115 réis

**JANTAR**

Feijões	20 réis
Carne	10 "
	30 "

Transporte	30 réis
Carne de vacca	50 "
Aduvo	20 "
Broa	40 "
	140 "
<b>CEIA</b>	
Sardinhas	40 réis
Broa	40 "
	50 "
	305 "

Gastam-se n'estas miudezas por dia 305 réis.

Ficam 23,1 réis que no anno produzem 8431,5 réis, d'estes 4500 réis são para a renda da casa, o resto... 3:931,5 réis são para a roupa que vestimos.—E se precisares d'algum purgante de de sal amargo, quem te dará um patacão para o pagares na botica?—O boticario cá da aldeia leva-me só 15 réis; diz elle que é o casto da drogaria e que não quer ganhar nada comigo.

—Então não fumas?—Fumava como sabes, mas como não tinha dinheiro para os cigarros desacostumei-me. Agora não fumo.—E se adoece alguma das pessoas de tua familia?

—Irão para o hospital que houver mais proximo. Como te arranjaste quando tua mulher deu á luz essas duas creanças que tens?—Valeram-me as esmolas dos bem-feitores.—Mas a respeito de roupa estamos em zero; pois os 3:931,5 réis que citaste chogam para alguma cousa?—Olha: Este casaquito deu-m'o o meu visinho F., e este e outros com a roupa que os filhos largam vestem-me os meus pequentos. Minha mulher, essa coitada, trabalha noite e dia para se vestir e para sabão e alguns extraordinarios.

(Continua)

**CARTAS**

Lisboa 23 de junho.

Estão encarcerados na cadeia do Limoeiro os nossos correligionarios e prestantes cidadãos, drs. Saraiva Castello Branco e Rodrigues dos Santos, e Nunes da Motta e Victorino Proença. Acham-se cumprindo a sentença de 10 dias de prisão que lhes foi arbitrada pelo juiz Rangel de Quadros, pelo motivo de exercerem cargos n'uma associação escolar denominada *Fernandes Thomaz*, que segundo se allega não está auctorizada pelo governo, e que, como cosnta do depoimento dos policias civis que n'esta occasião fizeram o serviço de testemunhas de accusação, tractava tambem de assumptos politicos.

Todo o individuo com um pouco de bom senso e independencia de caracter vê n'esta condemnação uma iniquidade, uma injustiça e uma vingança odiosas commettidas pelo poder judicial, que n'este caso exhorbitou de suas funções com toda a arbitrariedade. A Associação *Fernandes Thomaz* é um agrupamento de individuos, que se cotisaram para á sua custa manterem uma escola com o fim de se ministrarem a instrucção aos operarios e aos filhos d'estes que a necessitem; tem tambem, por sua iniciativa, sido relisadas conferencias nas suas salas e na epoca das eleições tem trabalhado n'esse campo, como o pôde fazer, ao completo abrigo da lei. Não é propriamente considerado um centro politico e mesmo se o fosse, estão no mesmo caso centros regenerador, consultiante e progressista que subsistem ha muito tempo, sem approvação do governo e não consta que contra o sr. Fonte, Vaz Preto e Braamcamp estejam passados mandados de captura pelo facto de serem seus presidentes. Mas é que se não tractou de observar e fazer cumprir a lei, tractou-se unica e exclusivamente de saltar por cima d'ella para sob qualquer pretexto metter no Limoeiro uns cidadãos que n'estes tempos têm a coragem de afirmar corajosamente os seus principios republicanos; tratou-se mais uma vez de mostrar, que os monarchicos é que podem praticar tudo quanto lhes apraz, mesmo que pratiquem actos identicos aos que nos republicanos são condemnados, e o sr. Rangel de Quadros quer tambem, sempre que possa desaf-

frontar o seu cunhado Arrobas, o infeliz governador—intendente, o poltrão que cabiu á gargalhada de ridículo dada por todos, desde a inoffensiva creança da escola até ao sr. ministro do reino. E eis por que dissemos que esta condemnação foi uma iniquidade, uma injustiça e uma vingança odiosas.

Mas os monarchicos estão no seu posto, e a monarchia portugueza segue a fatalidade historica; prestes a afundar-se na onda democratica que a envolve, recorre, no seu estalar, aos ultimos recursos, prepara-se para entrar na epoca do terror; que nós os republicanos estejamos tambem no nosso campo, que nos unamos para a vencermos, para lhe mostrarmos que já é tempo de que este povo se livre d'um systema que o tem embrutecido e aviltado durante sessenta annos. Vamos caminhando no sentido de implantarmos neste paiz o governo republicano por meio da propaganda tenaz mas pacifica dos nossos principios, operando assim a revolução nas consciencias; mas a monarchia, á ultima hora, lembra-se de apressar esse movimento, quer que realizemos o nosso ideal mais cedo do que desejavamos; pois acceitemos a sua collaboração e façamos a coisa que ella tem sempre que ser feita.

Mãos á obra: ou nós ou elles! Lutemos todos com união e perseverança que o triumpho será nosso!

—Deixemos os nossos correligionarios no antigo palacio do conde Aveiro e noticiemos aos nossos leitores que os 60 estudantes já pagaram na Boa-Hora a competente fiança de 61.725 reis cada um e foram affiançados pelos lentos dos respectivos cursos, fiança arbitrada em 200.000 reis a cada estudante.

Veremos o que sae d'este curiosissimo processo que promete ser dos mais engraçados.

—A ladroeira de Salamanca começou hontem a discutir-se na camara de pares, hoje, segundo consta, reunirá o conselho d'estado para resolver sobre a prorogação das cortes por mais uns dias que será até 5 ou 7 de junho.

—No proximo domingo realisa-se um outro comicio em Lisboa contra a Salamancada.

—No domingo á noute encerrou-se o congresso das associações e ficou eleita a seguinte junta do departamento do sul:

Antonio Joaquim d'Oliveira; Simões d'Almeida; Silva Lisboa; Baccellar e Silva; Eduardo Coelho; Azedo Gneco; Adolpho Coelho; Gomes da Silva; Gonçalves Lopes; Sousa Brandão; Henrique Midosi; Antunes Rebelo; Sabino de Souza; Theophilo Braga; José Antonio Dias; Nobre França; Castello Branco Saraiva; Costa Godolphim; Elias Garcia; Conceição Fernandes; Feio Terenas; Theophilo Ferreira; Leonardo Torres; Consiglieri Pedrosa e dr. Alves Branco.

Y

## ATENÇÃO

Deixou de fazer parte da administração d'este jornal, por motivos imperiosos o nosso excellentissimo amigo Antonio Augusto Mourão, que nos prestou importantes serviços durante o tempo que foi nosso collega, o que muito lhe agradecemos. Aquelle nosso amigo continua, porem, a acompanhar-nos politicamente para todos os effeitos.

Do nosso collega da *Folha Nova* transcrevemos o seguinte:

No dia 20 do corrente julgou-se no 1.º districto criminal, d'esta

cidade, servindo de juiz o sr. dr. Pinheiro Osorio e de sub-delegado o sr. João Nepomuceno Rebelo Valente, uma policia contra o sr. Joaquim Pardiniho, artista, para o effeito de lhe ser applicada a multa em que incorreu por ter baptisado civilmente uma filha, trinta dias depois do nascimento, praso marcado pelo Regulamento do Registro Civil para se lavrarem os assentos perante a auctoridade administrativa.

Esta disposição do regulamento é tola, mostra a intenção do legislador de difficultar uma instituição liberal reconhecida e applicada nas primeiras nações civilizadas.

Mas o sub-delegado que assistiu á referida audiencia, em vez de pôr em relevo o absurdo da lei, como lhe competia, na qualidade de defensor dos interesses da sociedade, entreteve-se a fazer uma profissão de fé jesuitica, estranhando ao réo que fosse baptisar civilmente um filho, e dirigindo insinuações boçoes ás testemunhas. Disse que lia pela cartilha velha, isto é, pela do padre mestre Ignacio, pelas *Horas Mariannas*, outros modelos eguaes de moral catholica, que o bom do homem confundiu com a moral christã, mostrando assim ignorar completamente os principios em que assentam a religião evangelica e a religião de Roma.

Por outro lado o juiz que devia applicar o minimo da multa, que eram 2.500 rs., applicou o maximo, que eram 10.500; e nas custas excedentes a 10.500; isto depois de ter consentido que o ministerio publico soltasse quantas blasphemias quiz contra as idéas liberaes.

Depois d'isto será faltar á verdade dizendo-se que o jesuitismo invadiu todas as repartições, incluindo os tribunales que deviam ser completamente estranhos á politica, e inspirar-se unicamente na lei e na equidade? Haverá alguma duvida de que muitos juizes e delegados são creaturas da *seita negra*, e que aproveitam a sua posição para a servirem por todos os modos privados da liberdade, da sociedade civil, da civilização, emfim?

O sr. Joaquim Pardiniho, disse não poder pagar as custas por ser pobre, ao que o escrivão Tavares replicou ameaçando-o com a prisão, caso não o fizesse.»

Preparam-se grandes festas, arcos de triumpho, flores, bandeiras, foguetorios, vivas, discursos, tedeums, o diabo para receber o sr. D. Luiz na sua visita ao povo da Beira.

Está tudo a postos. Progressistas os regeneradores e os finorios constituintes põem tudo em andamento para agradar ao sr. de Bragança. Não admira. São os serviços dinasticos, os sevandijos do thesouro a disporem as commodidades para a recepção do seu real amo e senhor! E' justo. O empregado publico servil, o burguez pimpão e idiota, o commendador brégeiro e embofia e todos os parlatores, malandrins e gaiatos da monarchia saltam para a rua com as suas farpellas officiaes, os seus peitinhos engommados, os seus risinhos de satisfação para comprimentarem, methodicamente, pandegamente, a real magestade, os reaes penhores e o mais restante da real familia. E' emfim uma grande festa, em que todos bailam mais ou menos segundo as suas conveniencias e as suas necessidades. O povo é que paga para tudo isto como um estranho anonymo, e como um paria miseravel. E' a mais provocante e velhaca das farças. O rei com toda a sua familia, os seus estadões e os seus lacaios a passear por esses reinos, a mostrar-se, a querer subornar as sympathias do povo á custa do seu proprio suor, do

seu dinheiro e da sua propria dignidade. Isto é de mais. Passeie-se muito embora, mas cada um á sua custa e á custa do seu trabalho. O povo não é uma besta de carga.

Como elles vão levantando a grimpá!

O chefe do bando fanatico em Pardilhó, foi já em tempos passados um bom padre, um d'esses padres que amam o progresso. Na sua propria casa havia escola gratuita para creanças e adultos. Aquelles proporcionava a instrução das primeiras letras e a estes offerencia o recreio civilizador do theatro. Quem podia então prever a transformação, que se havia de operar n'esse cura d'almas? Ninguem. N'um só dia, sem ninguem o esperar, despedia os meninos e trancava as portas aos moços. Era a larca que construia o *casulo* para, em obediencia ás leis da *metamorphose* se converter n'uma d'essas *borboletas de azas negras* que voejam em torno da luz na louca intenção de a apagarem, mas que por fim hão de ser aniquilladas pela chama. De bom e affavel que era, tornou-se mau e irascivel. A vida do confissionario fê-lo rabujento, apesar de alguma coisa adogada pelo vinho fino das confesandias.

Quinta-feira, 8 do corrente, largou n'um berreiro furioso á missa conventual, contra alguns rapazes que pacificamente se reúnem em casa de um outro a palestrar alegrementemente, alcunhando-os de *maçonicos*, como se elle, o nescio, soubesse alguma coisa do que é a Maçonaria! Aquillo, ou o padrecá tinha ceiado mal, ou não estava em jejum a essa hora. *O mundo*, disse elle entre outras coisas de igual peso, *vae cada vez a peor, mas um dia hade chegar aos extremos e tornar-se então o mesmo que já foi*. Isto não é d'elle: faça-se justiça.

Que o *formigão* vá prégando a seu contento; mas que se lembre tambem de vez em quando que, com menos causa, já as mulheres de Pardilhó expulsaram de tamancão em punho, e do mesmo tempo, um collega seu.

O futuro se encarregará de mostrar a este louco de borra para quem é o abysmo que tão soffregamente vae cavando.

A Salamancada continua a entrincheirar-se no seu posto. Ella promove comicios, argumenta com lerias e suborna com habilidade a opinião publica. A inspiração vem-lhe de muito alto. Recebe adhesões do paço: o rei Luiz sorri-lhe, a loira saboyana acena-lhe e os caros penhores animam-na com palavras de amor e sympathia. O Fontes manda e o syndicato prostra-se-lhe aos pés; e os capitalistas os argentarios e os especuladores exultam de satisfação. O inutil senhor de Bragança precisa de ter d'esta gente pelo seu lado. Quando para as suas dissipações e munificencias escandalosas precisar de dinheiro tem a onde recorrer.

E ainda ha quem diga que o rei é um pobre diabo? O pobre diabo es tu, povo, que te deixas expoliar por toda esta caterva de vilões agaloados e saltimbancos palacianos. A Salamancada vae de vento em popa. Alerta.

O *Campeão* diz asneiras por um sarilho sobre os acontecimentos de domingo. Fez uma *salsa* de tudo aquillo, de maneira que nem o diabo é capaz de entender o que escreveu. Elle falla-nos em *ventos que formam tempestades, que destroem campos e que assolam mares*, elle é a *familia sem ber-*

ço, sem religião e sem mais não sabemos o que, elle é a *deusa da razão* (razão é o que mais lhe falta) *nos altares consagrados a Christo*, elle é o diabo a quatro.

Damos um premio a quem tirar d'alli seis palavras, que geito tenham.

E tudo isto para quê? Para chegar á conclusão, parece, porque é difficil concluir alguma coisa d'alli, que as questões da junta geral é que deram lugar aos acontecimentos de domingo.

Ora, bolas meu amigo.

E falla-nos em historia!...

Deixe-se de historias e aprenda mais historia.

Culpa tem quem o firou da escola.

O *Campeão* chama-nos *atheu* para especular com umas certas cousas, quenós cá sabemos. *Quem sahe á raça não degenera*, diz o dictado.

O antigo *Campeão* tambem chamou *atheu*, maçónico e mais alguma cousa a José Estevão, o unico homem que se interessou por esta terra e que os collegas da Vera Cruz ralaram de desgostos. E mais nada.

Os burguezes cá da terra zangaram-se muito connosco, porque, na sua opinião, temõs *má lingua*. O *Campeão*, que especula com tudo, fez-se echo immediatamente d'esses despeitos endinheirados, e chegou a avançar que — *nós não curavamos do mal que estavamos fazendo á imprensa e á sociedade*.

Ora nós, se fomos asperos com o sr. administrador, nunca porem o insultamos. Mas o *Campeão*, o insultador mór d'estes reinos, a fallar-nos em moderação e moralidade!...

Isto só em Aveiro é que succede. Mas para tirarmos as peneiras, que algumas pessoas fingem ter nos olhos, ahí vae uma amostra recente da brandura d'aquelles senhores:

«Em quanto a junta geral funcionava regularmente e concluia regularmente os seus trabalhos, sem o mais leve embaraço de ninguem, o sr. governador civil nega-se a encerrar-lhe a sessão, e começa a FORJAR ÁS ESCONDIDAS, NO SEU GABINETE, UMAS ACTAS FINGIDAS, COM ASSIGNATURAS FALSAS, A SIMULAR DELIBERAÇÕES QUE SE NÃO TOMAM, A INVENTAR ELEIÇÕES QUE SE NÃO FAZEM, a officiar a todos os administradores de concelho para que DESVIEM OU SUBTRAIAM toda a correspondencia official dirigida á commissão executiva, a praticar emfim tudo o que n'um paiz serio é considerado BURLA, INFAMIA, CRIME.»

É demais. Leiam, leiam bem e hão de concordar que nunca dissemos cousas identicas d'uma pessoa tão respeitavel, tão digna e tão cavalheira como o sr. governador civil. Sim, apesar de politicamente nos affastarmos muito d'aquelle individuo, não podêmos deixar de lhe reconhecer essas excellentes qualidades, que sempre respeitamos.

Pois o sr. Mendes Leite, um filho d'esta terra, um antigo revolucionario é na opinião do *Campeão das Provincias* um falsario, um... temos vergonha, não diremos mais.

E diz esse jornal que abandonamos as questões de principios. Como! Citem-nos um unico artigo de fundo, em que o tenhamos feito. Ahí, onde se tratam as verdadeiras questões politicas, nunca dissemos de ninguem o que do *Campeão* atraz transcremos e o seguinte:

«ISTO EXCEDE TUDO O QUE HA DE INDECENTE E VIL NA POLITICA.»

«CANALHAS, QUE NÃO TEM OUTRO NOME.» *Campeão* de 44 de junho n.º 3:1000.

É dar-lhe, *valentes*. E sòmos nós os desbragados!

O que é o mundo, e o que é a politica!

Falleceu ante-hontem pelas 6 horas da tarde o sr. Francisco José Barboza, pertencente a uma das familias mais dignas d'este districto, e tio do nosso excellentissimo amigo e collega n'esta redacção Antonio Ponce Leão Barboza.

Foi toda a sua vida um homem d'uma probidade rara, tendo exercido com muita honradez o cargo de director da Caixa Economica, a quem prestou relevantissimos serviços, podendo-se affoutamente afirmar que as condições prosperas em que se acha hoje aquella excellentissima instituição são principalmente devidas a elle. Foi tambem vereador durante alguns annos, tendo prestado do mesmo modo ao municipio serviços importantes, porque se áquelle bom velho faltavam rasgos administrativos, sobejavam-lhe, se assim nos podemos exprimir, honradez e dignidade, qualidades hoje rarissimas nos nossos homens publicos. Pertenceu ao conselho de districto.

A toda a sua familia e em especial ao nosso amigo Ponce Leão Barboza enviámos os nossos sentimentos pezames.

Ainda até hoje estamos á espera da resposta e documentos que comprovem a innocencia e a irresponsabilidade da camara no aforamento d'alguns metros quadrados de terreno, na rua da Fonte Nova. A resposta não veio nem vem e os documentos ficaram no finteiro. É a praxe dos rabulas. D'este modo, subtraindo dolosamente alguns votos ao municipio, para alimentar favores e banalidades palavrosas é que se apanham alguns votos em epochas eleitoraes. É preciso ir deitando combustível ao forno porque talvez muito breve se tenha de accenper. É andar com tempo.

Sendo muitos os pedidos que temos para combatemos certos escandalos de administração, declaramos ás pessoas que nos pedem isso, que estamos promptos a fazel-o, com tanto que nos deem esclarecimentos seguros.

De hoje em deante são proprietarios d'este jornal os srs. Antonio Ponce Leão Barboza, Fernando Manuel Homem Christo, Francisco Rodrigues da Graça e Manuel Homem de Carvalho e Christo, que serão solidarios em todas as questões de administração e redacção.

A correspondencia politica e noticiosa deve ser dirigida ao sr. Manuel Homem de Carvalho e Christo e fica encarregado da cobrança das assignaturas o sr. Fernando Manuel Homem Christo.

Consta-nos que a jogatina continua. Se em lugar de processo que demora mezes e que não dá nada tivessem assaltado a casa de jogo como se faz em toda a parte, já ella não continuaria.

Lembrem-se de que não nos callaremos.

No domingo passado, na occasião do conflicto, que teve lugar debaixo dos Balcões, o sr. Carlos Mello Guimarães maltratou atrevidamente o sr. Silverio de Magalhães, pelo que aquelle senhor irá muito breve responder em policia correcional.

## BELLEZAS CATHOLICAS

Como isto vae e se propaga.

O academico Leite Perry, tendo vindo de Coimbra foi a Braga, ao collegio do Espirito Santo para ver e abraçar seu irmão mais novo que alli estava como alumno. Foi-lhe porem vedada a entrada e o direito de fallar a seu irmão, sob protesto de que em Coimbra não havia senão atheus e pedreiros livres, e que era uma calamidade o contacto e convivencia com tal gente. Raça diabolica, que não ha quem te ponha fora de portas.

## ANNUNCIOS

## Ourivesaria

9 RUA DA COSTEIRA 9  
1.º andar

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos, tanto em ouro como em prata.

Garante-se em todas as obras feitas n'este estabelecimento um preço modico.

Todas as encomendas de-  
sem ser feitas a

José Eduardo Mourão

## BANDEIRAS

ALUGAM-SE bandeiras novas, quem nas pretender alugar fale com Rodrigo Mieiro, rua de José Estevão n.º 64—a 67.

SINGER! SINGER!

Machinas para co-  
ser com 10 por cen-  
to menos, a prom-  
pto pagamento



Machinas para  
coser, a prestações  
de 500 réis  
semanaes

QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÃO SE PAGA ENTRADA

As melhores machinas para costura que todo o mundo conhece e que nunca tiveram rival

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

SÓ SE VENDEM NA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—Rua de José estevão—79

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

AVEIRO

FABRIL

52—LARGO DA PRAÇA—53

OVAR

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS QUE SE DARÃO GRATIS

Vende-se algodões, torçoes, agulhas, oleo e peças soltas a preços baratissimos

## CORREIA &amp; MARTINS

AS CINCO RUAS

AVEIRO

Antonio Antunes de Abreu e Mello, representante da casa CORREIA & MARTINS, do Porto, com estabelecimento de modas n'esta cidade, participa aos seus Ex.ªs freguezes que tendo de retirar-se por todo este mez; rezolveu fazer um grande abatimento em todos os artigos do seu estabelecimento, para liquidação.

Tem alem de muitos outros artigos, um variado sortimento de leques a principiar em 80 reis; alta novidade!!

Setinetas e percaes: alta novidade!!

Fazendas de lã a principiar em 160 reis o metro.

Guarnições para vestidos, alta novidade!!

Rendas cõr de creme e brancas.

Chapeus modelos para senhora.

Marquezinhas de setim preto; ditas percal para praia.

Pregos para cabelo, novidade!

Laços para senhora, alta novidade.

Robechambres de linho.

Um grande e variado sortimento de meias de cõr para senhora a principiar em 200 reis o par.

Ditas para homem.

Cobertas brancas e de cõr a principiar em 15300 reis.

Cobertas de algodão a principiar em 15300 reis.

Fitas bordadas, a principiar em 180 rs. a peça.

Lenços de linho em caixa.

Chales de merino preto, lizos e bordados.

Mantas Sevillhanas, pretas e brancas.

Colarinhos de borracha, novidade!

Fichus de malha para a cabeça, alta novidade!

Laços para senhora, alta novidade!

Linhos para vestidos a 15000 rs. o metro.

Chitas a principiar em 60 reis o covado.

Bretanhas de algodão a 80 reis o metro.

Espera que os seus Ex.ªs freguezes e amigos não deixarão de honrar o seu estabelecimento, onde serão servidos com lealdade e promptidão.

## Encyclopedia

REPUBLICANA

Revista de sciencias e litteratura ao alcance de todas as intelligencias

Publicam-se duas folhas cada semana, pelo preço de 20 réis cada uma. Para o estrangeiro e pos-

sessões ultramarinas acrece o porte do correio.

Para fóra de Lisboa pagamento diantado, um fasciculo de quatro entregas semanaes pelo menos. Toda a correspondencia deve ser dirigida para o largo dos Mestros, 29 e 30 Lisboa, onde tambem se recebem assignaturas.

## A MARSELHEZA

Em francez e portuguez

Um folheto de 8 paginas, com uma gravura, preço 20 reis. Vende-se,—no Porto, kiosque da Praça de D. Pedro,—em Coimbra, na loja do sr. João Correia d'Almeida,—Pedidos da provincia, a J. B. Rua da Mouraria, 87, Lisboa.—

Precisam-se agentes na provincia.

SINGER ALGODÃO

SINGER TORÇAL

FABRICADO expressamente para as machinas de coser. Vende-se a retalho e por atacado, com bom desconto e a preços baratissimos na COMPANHIA FABRIL SINGER

75 Rua de José estevão

79. AVEIRO

## GRANDE SUCESSO

O mais dramatico dos romances contemporaneos POR

LOUIZ D'ARÈNE

VERSÃO DE AUGUSTO JOSÉ VIERA

Folhas de 8 pag. a 10 reis

—Estampas a 10 reis.

## Conselheiro

DO POVO

Manal Pratico dos cidadãos portuguezes para cada um se dirigir e regerer por si, sem dependencia de procradores, nos tribnaes e repartições publicas, segundo as Leis do Reino.

Sahiú á luz o 3.º fasciculo d'esta interessante publicação.

Acha-se á venda no kiosque do Rocio (lado norte).

Custa apenas 120 rs.

## SINGER!

## GRANDE BAIXA DE PREÇOS

nas machinas da Companhia Fabril

SINGER

—Rua de José Estevão, 26 e 28—

Acaba de abrir-se n'esta cidade um novo estabelecimento de machinas ligitimas SINGER para familias, alfaiates, costureiras e sapateiros. Todas estas machinas se vendem tanto a prompto pagamento como a praso.

Grande abatimento nas vendas a prompto pagamento.

Em todas as machinas venpidas a praso dispensa-se a prestação de entrada, sendo o 500 reis semanaes seu pagamento feito a

Todos os pedidos devem ser feitos a JOÃO DA SILVA SANTOS, na rua de José Estevão, 26 e 28.

João da Silva Santos  
AVEIRO

NOVO ESTABELECIMENTO  
DE  
Crystaes, mobilia e mercearia

DE  
JOSE MARIA DOS SANTOS  
RUA DIREITA  
AVEIRO

N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de vidraça branca e de cõr, molduras douradas e pretas, galerias, paters, stores, transparentes, copos, calix, garrafas, jarras, espelhos, candieiros e seus pertences.

O annunciante tem tambem á venda muitos artigos pertencentes ao ramo de mercearia, o que tudo vende por preços muito modicos.

## OS MYSTERIOS DA ALFAMA

POR

XAVIER DE PAIVA

Estão já publicados 3 fasciculos. Cada fasciculo 40 reis. Assigna-se para este interessantissimo romance no escriptorio da empresa dos Calafates, 93—Lisboa.